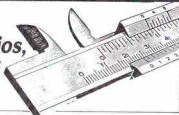


Preços, salários, suprimentos



O índice geral de preços — disponibilidade interna, calculado pelo Instituto

Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, registrou, em janeiro,

alta de 17,8%. Em termos anualizados, ou seja, de janeiro a janeiro, a taxa acumulada chegou a 250,4%.

Os componentes que integram o índice geral (índice de preços por atacado — disponibilidade interna, índice de preços ao consumidor e índice nacional de custo da construção) refletiram, no mês,

Tabela 1 — Índices de preços, variações e influências percentuais

Discriminação	N.º índice de jan. 86 (base: 1977=100)	Variação percentual			Influência percentual	
		No mês	Acumulada no ano	Acumulada nos últimos 12 meses	No mês	Acumulada no ano
Índice geral de preços						
Disponibilidade interna	92.193,8	17,8	17,8	250,4	—	—
Oferta global	92.753,2	18,6	18,6	258,9	—	—
Índice de preços por atacado						
Disponibilidade interna	105.230,7	19,0	19,0	243,2	100,0	100,0
Bens de consumo	123.505,0	23,0	23,0	275,3	68,8	68,8
Duráveis	85.271,8	14,8	14,8	277,2	4,1	4,1
Utilidades domésticas	82.475,8	16,2	16,2	291,8	3,5	3,5
Outros	96.021,8	9,6	9,6	229,8	0,6	0,6
Não-duráveis	127.271,9	23,9	23,9	276,2	64,8	64,8
Gêneros alimentícios	149.051,6	26,2	26,2	285,9	57,7	57,7
Outros	67.338,3	13,7	13,7	236,3	7,1	7,1
Bens de produção	84.294,7	13,7	13,7	205,2	31,2	31,2
Mat.-primas não-alimentares	65.353,5	12,7	12,7	193,8	10,9	10,9
Materiais de construção	110.782,0	15,4	15,4	271,6	8,0	8,0
Máquinas, veículos e equip.	68.395,3	12,3	12,3	217,5	3,2	3,2
Outros	105.670,7	14,2	14,2	174,4	9,0	9,0
Oferta global	106.162,9	20,2	20,2	265,2	100,0	100,0
Produtos agrícolas	151.901,4	27,1	27,1	324,1	42,6	42,6
Produtos industriais	88.858,9	17,0	17,0	228,2	57,4	57,4
Extrativa mineral	67.572,2	15,1	15,1	162,7	4,0	4,0
Indústria de transformação	90.290,6	17,1	17,1	235,0	53,4	53,4
Índice de preços ao consumidor — RJ	72.835,4	15,7	15,7	255,9	100,0	100,0
Alimentação	104.873,5	17,5	17,5	276,0	46,3	46,3
Vestuário	35.811,8	12,2	12,2	288,8	2,0	2,0
Habituação	26.796,1	7,4	7,4	213,0	4,2	4,2
Artigos de residência	53.437,9	13,0	13,0	224,3	7,8	7,8
Assist. saúde e higiene	77.819,2	10,7	10,7	258,6	4,1	4,1
Serviços pessoais	81.743,9	16,9	16,9	257,9	22,7	22,7
Serviços públicos	67.511,6	19,5	19,5	231,7	12,9	12,9
Índice nac. de custo da const.	72.048,0	14,0	14,0	305,5	100,0	100,0
Mão-de-obra	57.225,9	12,2	12,2	334,2	39,0	39,0
Materiais de construção	83.805,6	15,3	15,3	285,0	61,0	61,0

Fonte: Centro de Estatística Econômica — IBRE/PGV.

aumentos de 19%, 15,7% e 14%, respectivamente. Na mesma sequência, as taxas anualizadas desses três índices foram de 243,2%, 255,9% e 306,5%.

No índice de preços por atacado, dentre os 325 produtos pesquisados, 62 apresentaram altas acima do valor médio de 19%, destacando-se o café torrado e moído (152,9%), café solúvel (105,9%) e tomate (103,9%). Por outro lado, apenas um terço dos produtos que compõem o IPA registraram variações inferiores a 10%.

No que concerne ao índice de preços ao consumidor, 118 itens aumentaram mais do que o valor médio de 15,7%, sobressaindo-se, além do café (118,9% no varejo), hortaliças e legumes, taxas escolares, taxa de água, gás e pescado. Cerca de 57% dos itens componentes do IPC registraram altas acima de 10%.

No índice nacional de custo da construção, o agrupamento dos materiais de construção registrou alta de 15,3%. A mão-de-obra, com 12,2%, foi afetada principalmente pelos dissídios de Salvador e Recife e por antecipações de aumentos concedidos em Fortaleza.

É oportuno esclarecer que, a partir de janeiro, o índice nacional de custo da construção passa a ser calculado segundo nova estrutura de ponderações, conforme previsto e anunciado desde meados de 1985. O índice agora cobre 16 capitais brasileiras, com estruturas físicas e de preços, para fins de ponderações, totalmente atualizadas. As novas ponderações estão neste número de *Conjuntura Econômica*.

O problema da seca poderia constituir-se em motivo para a realização de ajustes dos índices, por acidentalidade,

Tabela 2 — Índices de preços: comparações com dados do ano anterior

A — Variação percentual no mês			B — Variação percentual acumulada no ano		
Discriminação	Jan. 85	Jan. 86	Discriminação	Jan. 85	Jan. 86
Índice geral de preços			Índice geral de preços		
Disp. interna	12,6	17,8	Disp. interna	12,6	17,8
Oferta global	12,8	18,6	Oferta global	12,8	18,6
Índice de preços por atacado			Índice de preços por atacado		
Disp. interna	12,9	19,0	Disp. interna	12,9	19,0
Oferta global	13,2	20,2	Oferta global	13,2	20,2
Índice de preços ao consumidor — RJ			Índice de preços ao consumidor — RJ		
Alimentação	13,3	15,7	Alimentação	13,3	15,7
Habitação	14,3	17,5	Habitação	14,3	17,5
Serviços públicos	6,3	7,4	Serviços públicos	6,3	7,4
	24,1	19,5		24,1	19,5
Índice nac. de custo da construção			Índice nac. de custo da construção		
Mão-de-obra	7,5	14,0	Mão-de-obra	7,5	14,0
Mat. de construção	0,5	12,2	Mat. de construção	0,5	12,2
	11,8	15,3		11,8	15,3

conforme condições e métodos rigidamente definidos em nossa edição de set.83, p. 13-5:

"Os fenômenos definidos como acidentais, para fins de tratamento estatístico dos índices de preços que servirão de base para a fixação de coeficientes de correção monetária, podem ser grupados como a seguir:

a) quebras de safras de produtos agrícolas alimentares provocadas por fatores climáticos reconhecidamente perversos, cujas conseqüências impliquem, no curto prazo, aumentos significativos de preços;

b) perturbações de oferta ocasionadas por outros fatores excepcionais, tais como greves, incêndios, colapso dos meios de transportes e outras causas de natureza análoga que afetem substancialmente os preços médios, em nível

nacional, de determinados produtos agrícolas alimentares."

Em todo o texto da nota explicativa, contudo, fica claro que os ajustamentos só seriam aplicáveis aos índices de correção monetária — e não sobre os índices plenos que medem as efetivas variações de preços, independentemente de suas causas.

Desde nov.85, o índice geral de preços não mais é utilizado como base para a correção monetária. De qualquer forma, à guisa de exercício (como, aliás, também foi feito pelo IBGE), o IBRE calcula que cerca de 1,91 pontos percentuais, dos 17,8 acusados pelo IGP, podem ser atribuídos a fatores acidentais.

As tabelas 1 e 2 permitem exame mais pormenorizado do movimento dos preços na forma captada pelo Instituto Brasileiro de Economia.

Preços, salários, suprimentos



IPCA, novo recorde histórico: 16,23%

Com 16,23%, o IPCA de janeiro é o maior registrado, até hoje, na série histórica do índice, superando os 14,61% de janeiro do ano passado. A variação semestral — ago.85-jan.86 — atingiu 101,41%, e a anual — fev.85-jan.86 — chegou aos 238,36%, constituindo-se, igualmente, em recorde. Os resultados foram divulgados pelo IBGE, no Rio.

Com exceção do açúcar, frutas e carne bovina, os produtos alimentícios mostraram-se em alta, com destaque para o café moído (106,14% de aumento), responsável por 9,76% da variação do IPCA do mês.

Entre os não-alimentícios, cigarros, ônibus urbanos, táxis e automóveis foram os que exerceram as mais fortes pressões no índice, seguidos pelos derivados do petróleo, energia elétrica e artigos de vestuário.

Esses resultados são baseados na análise dos dados da pesquisa realizada pelo IBGE em nove regiões metropolitanas (Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre), além de Brasília.

A coleta de preços do IPCA de janeiro cobriu o período de 11 dez. a 14 jan.

■ **O peso dos alimentos** — Com influência de 37,34% no índice, o grupo alimentação teve variação de 17,20%. O arroz apresentou-se em alta devido à entressafra; o feijão, pela menor oferta, em consequência da estiagem; e pão francês, farinha de trigo e massas, em decorrência de reajustes no final de novembro.

Também subiram os hortifrutigranjeiros, principalmente aqueles sensíveis ao calor, à exceção das frutas; leite e derivados e refeição fora do domicílio, esta em consequência dos aumentos dos alimentos. O comportamento da carne suína fez com que se elevassem os preços da salsicha, lingüiça etc. A maior demanda, típica da época, aumentou os preços dos pescados e de frangos e ovos, estes também tendo como causa a alta do milho.

■ **Passagens e compra de automóveis** — A variação do grupo transporte e comunicação, segunda maior pressão nos resultados do IPCA de janeiro, chegou aos 22,91%, influenciando o índice em 23,08%. Isto se deve principalmente ao aumento das passagens dos ônibus urbanos e táxis na maioria das regiões metropolitanas, com destaque para o Rio e São Paulo; dos ônibus à distância, este em todas as regiões pesquisadas pela Fundação IBGE; das tarifas aéreas; e dos preços dos automóveis novos e usados.

■ **Grupo habitação influencia 13,96%** — O grupo habitação influenciou o IPCA do mês em 13,96%, apresentando variação de 15,66%. Houve reajustes nas tarifas de água e esgoto e energia elétrica e nos preços da gasolina e gás de botijão. Além disso, mostraram-se em alta os artigos de limpeza (sabão, desinfetante etc.) e para reparo de domicílios (tinta, material hidráulico etc.).

■ **Outros grupos** — Com influência de 10,68%, o grupo despesas pessoais

apresentou variação de 14,52%, com grande destaque para o reajuste de 40% nos preços dos cigarros. 6,20% foi a influência registrada no índice devido à variação de 11,36% do grupo vestuário. Já os artigos de residência tiveram variação de 12,86% e influenciaram o índice em 5% e saúde e cuidados pessoais apresentaram 8,86% de variação e 3,74% de influência.

■ **Índices metropolitanos** — Em Porto Alegre, onde o grupo alimentação apresentou a mais alta variação, foi registrado o maior índice metropolitano: 18,10%. Os destaques ficam por conta dos cereais, hortaliças e verduras, carnes industrializadas, panificados e alimentação fora do domicílio. Mas o grupo transporte e comunicação também fez pressão altista, lá apresentando a sua mais alta variação, devido ao reajuste dos ônibus urbanos. Ao contrário, Brasília ficou com 13,86%, o menor índice metropolitano, também influência da alimentação, com baixos resultados dos cereais, hortaliças e verduras e carnes frescas.

Outros resultados: São Paulo (16,43%), Fortaleza (16,30%), Recife e Rio de Janeiro (15,99%), Salvador (15,89%), Curitiba (15,87%), Belo Horizonte (15,77%) e Belém (15,61%).

INPC: resultados de janeiro

O IBGE também anunciou os resultados do INPC de janeiro (17,20%), para propósitos estatísticos, o mais alto até agora registrado em sua série histórica, superando os 13,95% de janeiro do ano passado. Com isso, o INPC semestral (100,41%) e o anual (237,40%) bateram recordes. Estas variações são inferiores às registradas no IPCA do mês (semestral 101,41% e anual 238,36%), embora o INPC de janeiro (17,20%) seja superior ao IPCA (16,23%).

Preços, salários, suprimentos



Desemprego em queda

A pesquisa mensal de emprego da Fundação IBGE registrou, em dezembro, a menor taxa de desemprego aberto (3,5%) desde o início da série, em 1982. Embora esse seja tradicionalmente o mês de mais baixo desemprego, o índice hoje (31) divulgado traz resultado melhor que os do mesmo mês de 84 (4,8%), 83 (5,6%) e 82 (4%).

Das regiões metropolitanas pesquisadas, a mais baixa taxa ocorreu em São Paulo (2,7%), seguida pelo Rio de Janeiro (3,1%), Porto Alegre (3,5%), Belo Horizonte (3,8%), Recife (4,1%) e Salvador (4,5%).

A taxa média anual de desemprego aberto em 1985 ficou em 5,6% contra 7,1% em 1984 e 6,7% em 1983.

Na próxima semana, a Fundação IBGE divulgará análise do comportamento do mercado de trabalho no Brasil durante o ano passado, com maiores detalhes dos resultados da pesquisa mensal de emprego de dezembro, realizada pela Diretoria de População e Social da Fundação.

Indústria: +8,1%

A produção industrial brasileira cresceu 8,1% de janeiro a novembro do ano passado, em relação ao mesmo período de 1984, em decorrência do avanço das indústrias Extrativa Mineral (11,6%) e de Transformação (7,9%). Esses dados fa-

zem parte dos *Indicadores Conjunturais da Indústria, Produção Física - Brasil/novembro*, divulgados no Rio pela direção da Fundação IBGE.

O resultado acumulado, que nos primeiros 10 meses de 1985 havia sido de 7,9%, voltou a se elevar em função dos 10% da taxa de novembro, que ultrapassaram a média do ano passado. No entanto, esse índice é inferior aos de setembro e outubro, ambos acima dos 12%. Isso pode ser explicado pela redução no ritmo de crescimento de material de transporte, química e vestuário, calçados e artefatos de tecidos.

As indústrias de material elétrico e de comunicações (18,8%) — destacando-se a produção de aparelhos de TV, rádio e som (25%) — e têxtil (13,2%), de janeiro a novembro, continuam a registrar as maiores taxas de crescimento.

No segundo semestre, o melhor desempenho fica por conta de material de transporte: de 1,3% na taxa acumulada do primeiro semestre passa para 11,5%, apresentando crescimento médio de 22%.

■ *Em torno de 8,2% no ano.* O segmento produtor de bens de consumo duráveis voltou a apresentar a maior expansão em novembro (22,6%, em relação ao mesmo mês do ano anterior), acumulando 15% em todo o período. Vem sendo mantido o perfil de crescimento, observado desde o início do segundo semestre, de bens de capital (15,6%) e bens de consumo não-duráveis (9,8%). Tudo isso está baseado no aumento dos salários reais e da demanda por bens de capital destinados à modernização industrial.

Caso a taxa de crescimento do último mês do ano mantenha-se elevada, próxima à média do segundo semestre, como

é esperado, a indústria poderá alcançar uma expansão global para 1985 em torno de 8,2%. Assim, o nível de produção industrial ficará cerca de 2% abaixo de 1980, ou seja, praticamente recuperando as perdas da recessão do período 81-83.



Indústria cresce no Rio e S. Paulo

Os índices regionais da produção industrial de novembro revelam a manutenção do quadro observado a partir do início do segundo semestre de 1985: elevadas taxas de crescimento da região Sul e dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, ao lado da desaceleração no ritmo de expansão industrial do Nordeste e de Minas Gerais.

Em novembro, a mais alta taxa mensal (em comparação com nov.84) ficou por conta da região Sul (13,3%), seguida pelo Rio de Janeiro (12,3%) e São Paulo (9,3%). Como consequência, nestes locais houve elevação da taxa acumulada de crescimento. Apresentaram comportamento inverso nas taxas mensais as indústrias de Minas Gerais (0,5%) e do Nordeste (4%), o que resultou em desaceleração do crescimento acumulado.

■ *Rio de Janeiro.* A indústria fluminense apresentou a sua mais alta taxa mensal de crescimento do ano, com expansão de 12,3% em novembro de 1985, em relação ao mesmo mês do ano anterior. O resultado é decorrência, princi-

Preços, salários, suprimentos

palmente, do desempenho dos gêneros metalúrgica (29,1%) e material elétrico e de comunicações (48,6%), onde foram observadas altas taxas de crescimento para determinados produtos de significativa importância na estrutura destes segmentos.

Destacam-se "estações telefônicas" e "fios, cabos e condutores de cobre", para material elétrico e de comunicações, e "barras de aço comum" e "bobinas e chapas de aço", na metalúrgica.

Os elevados níveis de crescimento da produção aí observados, contudo, não foram consequência apenas do desempenho favorável no mês, mas também do baixo nível registrado na produção em nov.84. As taxas acumuladas permaneceram em elevação.

Foi registrada expansão de 5,9% de janeiro a novembro, em relação a idêntico período do ano anterior (jan.-out.: 5,3%) e a de últimos 12 meses alcançou até novembro crescimento de 5,6% (até outubro 4,9%). Os gêneros que mais se destacaram, em termos positivos, foram extrativa mineral (32,1%), têxtil (45,2%) e metalúrgica (6,2%) e, negativamente, material de transporte (-7,1%).

■ **Região Sul.** A indústria da região Sul cresceu 6% de jan. a nov.85. Taxa, portanto, superior à registrada no índice acumulado de jan.-out. (5,2%), devido à manutenção do elevado nível de produção em novembro, e inferior apenas à de outubro (14,3%) — a mais alta do ano.

Aqui, destacam-se a metalúrgica (12,1%), material elétrico e de comunicações (21,2%), mecânica (7,1%) e têxtil (9,7%). No índice últimos 12 meses, com 5,6% até novembro, permanece

a tendência crescente, observada a partir de agosto do ano passado.

■ **São Paulo.** Os resultados de novembro confirmam o ritmo acelerado de crescimento da produção industrial paulista nos últimos meses. A taxa de crescimento mensal (9,3%) situou-se acima da média dos 10 primeiros meses (8,2%) e influiu na taxa acumulada jan.-nov. (8,3%).

Os gêneros que mais contribuíram foram: mecânica (20,7%), material elétrico (16,4%), material de transporte (19%) e têxtil (13,5%), enquanto o desempenho mais fraco ficou por conta de vestuário (-0,3%), química (0,4%), metalúrgica (2,3%) e produtos alimentares, que, apesar de ser o único com taxa negativa acumulada no período, manteve em novembro (3,7%) a pequena recuperação iniciada em outubro (3,5%).

■ **Minas Gerais.** O índice acumulado jan.-nov. já não mostra com tanta nitidez o ritmo de crescimento estável que caracterizou a indústria mineira a partir de março. A taxa de crescimento global ficou em 7,5%; portanto, 0,7 ponto percentual inferior à do período até outubro (8,2%). O índice mensal manteve a taxa média de crescimento em 8,7% até setembro.

Desde então, a taxa assinala um nítido recuo (-6,9 pontos) em relação a setembro, o que se acentua com o resultado do mês de novembro, cuja expansão ficou em apenas 0,5% (4,3 pontos abaixo da de outubro).

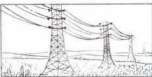
Mas o fraco desempenho da indústria em outubro e novembro está também associado às elevadas taxas de crescimento nos mesmos meses do ano anterior.

Os gêneros que mais influíram no resultado da indústria geral, em novembro,

foram a metalúrgica (-4,1%), produtos alimentares (-20,6%) e vestuário (-2,6%).

■ **Região Nordeste.** A indústria nordestina apresentou a sua segunda menor taxa do ano, com 4% em nov.85, comparada a nov.84. Confirma-se, assim, a tendência de desaceleração do crescimento da região, em função do alto nível de produção, principalmente no último trimestre de 1984, quando o índice de base fixa (comparado à média de 1981) atingiu, em média, expansão de 34,6%. Com isso, o acumulado jan.-nov. ficou em 10,1%, registrando nova queda em relação ao período precedente (jan.-out.: 10,9%).

Os gêneros que têm contribuído de forma acentuada para que o Nordeste se mantenha como a região de maior crescimento, no período jan.-nov., entre as cinco pesquisadas pela Fundação IBGE, são: química (12,5%), têxtil (13,1%) e alimentares (14,4%).



Mercado de energia elétrica

O consumo total de energia elétrica no Brasil cresceu 10,2% no ano de 1985 (acumulado de jan. a dez.85 contra igual período anterior), inferior portanto ao crescimento anteriormente registrado, que havia sido de 12,2%. Comparando dez.85 com dez.84, o crescimento foi de 10,9% e de 13,4%, respectivamente.

Pela previsão oficial, aprovada em set.84 pelo DNAEE/GCOI (Plante), espera-se

Preços, salários, suprimentos

Tabela 3 — Crescimento do consumo de energia elétrica (%) — últimos 12 meses sobre igual período anterior

	Residencial		Comercial		Industrial		Total	
	1984 (1)	1985 (2)	1984 (1)	1985 (2)	1984 (1)	1985 (2)	1984 (1)	1985 (2)
Norte	3,8	9,7	5,2	10,2	7,1	49,7	4,3	17,6
Nordeste	3,5	7,2	3,8	6,5	23,5	19,2	14,7	14,4
Sul	2,9	4,2	5,6	3,4	17,5	11,7	11,9	8,8
Sudeste	8,0	7,0	7,8	5,6	14,8	16,2	11,5	11,9
Centro-Oeste	9,2	10,6	10,9	9,8	32,6	8,4	16,1	10,4
Brasil	4,0	5,5	6,0	4,8	18,2	13,5	12,2	10,2

¹ Últimos 12 meses: jan.84 a dez.84/jan. 83 a dez.83.

² Últimos 12 meses: jan.85 a dez.85/jan.84 a dez.84.

um crescimento do consumo total de energia elétrica da ordem de 8,4% para 1985 (valor acumulado de janeiro a dezembro). Tal previsão inclui a eletrotermia e exclui o consumo interno de usinas e bombeamento d'água (a semelhança de todas as demais estatísticas deste texto).

Regionalmente, o maior crescimento do mercado ocorreu na região Norte (2% do mercado), com 8,8%. Segundo a configuração das regiões geoeletricas, adotada no âmbito do GPCS — Grupo Coordenador do Planejamento do Sistema Elétrico, o crescimento regional foi o seguinte no ano de 1985:

- Área da EletroNorte (3,6% do mercado) = 21,4%
- Área da Chesf (13,4% do mercado) = 8,9%
- Área da Eletrosul (14% do mercado) = 12,1%.

Setorialmente, o industrial — que representa cerca de 55,8% do mercado — cresceu 13,5% no ano de 1985, havendo sido de 18,2% seu crescimento anterior.

Continua marcante o reflexo da eletrotermia, ainda fortemente centralizado no Estado de São Paulo. Esse segmento de mercado, agora acrescido de cargas à conta das tarifas EFST e ETST, representou 13,2% dos 91,321 GWh consumidos pelo industrial no ano de 1985. Sua importância pode ser destacada quando, ao retirá-lo do total de consumo, faz com que a taxa de crescimento do mercado brasileiro sofra uma queda dos 10,2% acima indicados para 8,1% no ano de 1985.

Quanto às novas tarifas de substituição de derivados de petróleo — EFST e ETST — o consumo foi iniciado em março último, na Eletropaulo (EFST) e na CPFL (ETST). Atualmente, nos 10 meses de março a dezembro, o consumo acumulado atinge 20.617 kWh, com a seguinte distribuição: EFST — Eletropaulo (4.544 kWh), CPFL (2.030 kWh), Cesp (709 kWh), Cerj (2.230 kWh), Cemig (587 kWh), Copel (103 kWh) e Celesc (1.152 kWh); ETST — CPFL (366 kWh), Eletropaulo (8.857 kWh) e Cemig (39 kWh). Comparando dez.85 com dez.84, o crescimento do consumo industrial foi de 12% contra 21,1% em 1984.

Os consumos residencial e comercial — que representam 20% e 11,3% do mercado, respectivamente — apresentaram crescimentos acumulados no ano de 1985 de 5,5% e de 4,8%, na mesma ordem. Anteriormente, os crescimentos respectivos haviam sido de 4% e de 6%. Comparando dez.85 contra dez.84, os crescimentos dos consumos residencial e comercial foram, respectivamente, de 9,1% e 9,9%, contra 4,3% e 2,9% em 1984 na mesma ordem.



Novas estimativas agrícolas

As últimas estimativas do montante de área plantada e produção das principais lavouras na região Centro-Sul, inclusive Rondônia, estão mostrando novas quedas e tornando piores todos os prognósticos dos técnicos.

De fato, os levantamentos mais recentes em confronto com os realizados no final de 1985 mostram uma queda de 1,8% na área total das principais lavouras.

Boa parte dessa redução ocorreu em virtude da não efetivação de plantios ou do abandono de áreas já plantadas, em decorrência da estiagem. Dos produtos individuais, os mais afetados foram o feijão-1.^a safra, com uma redução de área de 9,2%, o algodão herbáceo (queda de 9%), o amendoim-1.^a safra (queda de 3,6%), o milho (redução de 2,5%) e a cebola (queda de 2,3%). Cumpre ressaltar que esta avaliação foi feita no fim de dezembro e que a continuação da estiagem pode ter provocado novas reduções de área.

Preços, salários, suprimentos

Entretanto, o principal efeito da estiagem se fez sentir sobre a produtividade.

Houve uma redução apreciável no rendimento médio esperado de quase todas as lavouras consideradas. A que mais sofreu foi a do feijão-1.^a safra, com uma queda de 44,4%, mas tiveram reduções bastante significativas as do algodão herbáceo (-32,5%), do milho (-15,6%), do amendoim-1.^a safra (-13,8%), da soja (-10,4%), do fumo (-10,2%), da cebola (-8,5%) e da batata-inglesa-1.^a safra (-7,5%).

As reduções de área, combinadas com as da produtividade esperada, fizeram com que o prognóstico da produção de dezembro fosse bastante mais pessimista que o de outubro. Experimentaram quedas substanciais as estimativas de produção do feijão-1.^a safra (-49,5%), do algodão herbáceo (-38,2%), do milho (-17,7%), do amendoim-1.^a safra (-16,9%) da soja (-10,8%), da cebola

(-10,6%), do fumo (9,6%), e da batata-inglesa-1.^a safra (-8,2%).

Os efeitos da falta de chuvas no Centro-Sul podem ser, também, ressaltados pela comparação dos números da safra de 1985 com os do prognóstico de dezembro, relativos a 1986. É o que se faz, a seguir.

Em comparação com a área colhida em 1985, a soma da área dos principais produtos da região, segundo avaliação do prognóstico de dezembro, registrou uma queda de 0,3%. Com a estiagem, o prognóstico de dezembro da área cultivada sofreu reduções, situando-se um pouco aquém da área colhida de 1985 com as lavouras em exame.

A nível de produto, as lavouras que maior redução de área apresentaram foram o algodão (-27%), o amendoim-1.^a safra (-11,9%), o feijão (-9,5%), a mamona (-4,8%) e a soja (-4,3%).

Parte dos declínios de área do algodão e da soja foi induzida por condições de mercado e por políticas governamentais visando limitar o cultivo de certas lavouras em favor de outras.

A estiagem apenas acentuou os declínios.

No caso do feijão-1.^a safra, porém, a intensificação da estiagem produziu uma reversão acentuada na previsão de área cultivada; o prognóstico de dezembro foi o de uma área cultivada quase 10% inferior à da safra de 1985.

Dentre os demais produtos chamam a atenção o arroz e o milho, com aumentos de área em relação a 1985 (+11,9% e +3%, respectivamente). A estiagem afetou pouco a previsão de área com o arroz e reduziu em 2,5% a previsão de área com o milho; mas atingiu negativamente — especialmente no caso deste último produto — as previsões de produtividade e, portanto, de produção.

Tabela 4 — Centro-Sul e Rondônia — área, produção e rendimento médio — confronto das safras de 1985 e do prognóstico de 1986

Produtos agrícolas	Área (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	Colhida em 1985	Esperada em 1986	Var. (%)	Obtida em 1985	Esperada em 1986	Var. (%)	Obtida em 1985	Esperada em 1986	Var. (%)
Algodão herbáceo (em caracol)	1.225.967	894.485	-27,0	2.191.024	1.045.366	-52,3	1.787	1.169	-34,6
Amendoim (em casca) — 1. ^a safra	136.136	119.958	-11,9	260.231	174.846	-32,8	1.912	1.458	-23,7
Arroz (em casca)	3.640.993	4.074.025	11,9	7.701.215	8.078.816	4,9	2.115	1.983	-6,2
Batata-inglesa — 1. ^a safra	96.877	95.056	-1,9	1.208.173	1.068.608	-11,6	12.471	11.242	-9,9
Cana-de-açúcar	2.528.577	2.622.493 ¹	3,7	178.785.066	173.009.479	-3,2	70.706	65.971	-6,7
Cebola	51.553	53.682	4,1	585.518	563.586	-3,8	11.358	10.499	-7,6
Feijão (em grão) — 1. ^a safra	1.627.658	1.473.661	-9,5	1.079.804	573.930	-46,9	663	389	-41,3
Fumo (em folha)	207.626	218.509	5,2	355.937	331.351	-6,9	1.714	1.516	-11,6
Mamona	73.428	69.942	-4,8	90.777	86.284	-5,0	1.236	1.234	-0,2
Mandioca	575.583	604.281 ¹	5,0	8.601.084	9.056.566	5,3	14.943	14.987	0,3
Milho (em grão)	9.053.314	9.328.259	3,0	20.319.284	17.663.065	-13,1	2.244	1.894	-15,6
Soja (em grão)	10.081.622	9.647.761	-4,3	18.193.810	15.498.054	-14,8	1.805	1.606	-11,0
Tomate	34.834	33.518	-3,8	1.366.155	1.368.844	0,2	39.219	40.839	4,1
Total	29.334.188	29.235.630	-0,3						

¹ Área destinada à colheita. Fonte: IBGE.

Preços, salários, suprimentos

Na verdade, o impacto da estiagem se fez sentir mais intensamente sobre o rendimento médio. Em comparação com a produtividade de 1985 — que, por sinal, foi excepcional — a do prognóstico de 1986 para o Centro-Sul registra quedas de 41,3% para o feijão-1.^a safra, de 34,6% para o algodão herbáceo, de 23,7% no caso do amendoim, de 15,6% para o milho, de 11,6% para o fumo, de 11% no caso da soja e de quase 10% para a batata-inglesa-1.^a safra. A queda de rendimento prevista para o arroz foi de 6,2% mas, com a continuação da falta de chuvas pelo mês de janeiro de 1986, a perspectiva é de queda bem mais acentuada.

Em decorrência da combinação da variação de área e de produtividade, o prognóstico de dezembro para o ano de 1986 no Centro-Sul é o de quedas acentuadas, no caso do algodão (-52,3%), do feijão-1.^a safra (-46,9%), do amendoim (-32,8%), da soja (-14,8%), do milho (-13,1%) e da batata-inglesa-1.^a safra (-11,6%).

O prognóstico registra quedas de produção, embora menores, para quase todos os outros produtos da tabela 4. As exceções foram a mandioca, o tomate e o arroz, lavouras para as quais se previram pequenos incrementos. No caso do arroz, novamente, o prognóstico de dezembro tem um caráter muito preliminar, pois a manutenção da estiagem para além deste mês torna cada vez mais acentuada a possibilidade de significativa queda de produção em 1986.

Se considerarmos que o Centro-Sul foi, na safra de 1985, responsável por 99,6% da produção de soja, por 92,3% da de milho, por 85,5% da de arroz, por 82,3% da de algodão herbáceo e por 73,8% da de feijão-1.^a safra, fica claro

que não se pode esperar muito da agricultura no resto do País em termos de compensação pelas quebras de safra ocorridas na região.

Medidas adequadas de estímulo poderão ampliar a produção de algumas das lavouras básicas fora do Centro-Sul. Todavia, dados o peso da região na produção agrícola brasileira e a extensão das quebras de safra, mesmo que isto ocorra a produção interna das principais lavouras será insuficiente.

Há, também, campo para bons desempenhos das segundas safras de batata, de amendoim, e principalmente de feijão no Centro-Sul, mas eles dificilmente cobrirão as insuficiências. Estas só poderão ser satisfatoriamente eliminadas mediante política bem concebida e cuidadosamente implementada de importação de produtos básicos para o abastecimento.



Aço bruto: +11,3%

A produção siderúrgica brasileira cresceu 11,3% durante o período jan.-dez.85. No mês de dezembro, o avanço da produção alcançou os 18,3% em relação ao mesmo período de 1984. A informação, com base ainda em dados preliminares, foi divulgada pelo Instituto Brasileiro de Siderurgia.

A distribuição regional da produção também revela que Minas Gerais, seguido do Estado do Rio de Janeiro, continua detendo os maiores níveis de elaboração siderúrgica.



A evolução do custo da construção civil e de montagens industriais pode ser acompanhada através das tabelas:

Tabela 1 — Custo de edificações — Brasil — base: dez. 81 = 100,0

Discriminação	Jan. 86
Média	8.454,5
H1 — 1 e 2 pavimentos	8.344,5
H4 — 3 a 9 pavimentos	8.399,2
H12 — 10 e mais pavimentos	8.474,9
Mão-de-obra	8.213,4
Materiais de construção	8.649,5

Tabela 2 — Montagens industriais — índices auxiliares por subsistema — base: dez.81 = 100,0*

Discriminação	Jan. 86
Siderúrgicas a alto-forno	
Mão-de-obra dir. de execução	6.817,6
Mão-de-obra dir. de operação	7.838,0
Mão-de-obra indireta	6.522,3
Equipamentos principais	12.264,5
Equipamentos auxiliares	17.185,5
Ferramental e mat. de consumo	9.505,3
Siderúrgicas a sucata	
Mão-de-obra dir. de execução	6.778,6
Mão-de-obra dir. de operação	7.841,6
Mão-de-obra indireta	6.512,0
Equipamentos principais	11.780,4
Equipamentos auxiliares	17.166,7
Ferramental e mat. de consumo	9.654,4

Preços, salários, suprimentos

Tabela 2 - continuação

Discriminação	Jan. 86
Mineração de ferro	
Mão-de-obra dir. de execução	6.186,9
Mão-de-obra dir. de operação	7.049,9
Mão-de-obra indireta	5.977,1
Equipamentos principais	13.104,0
Equipamentos auxiliares	17.043,4
Ferramental e mat. de consumo	9.722,9
Pelotização	
Mão-de-obra dir. de execução	6.125,7
Mão-de-obra dir. de operação	7.233,7
Mão-de-obra indireta	5.981,7
Equipamentos principais	13.374,9
Equipamentos auxiliares	17.994,4
Ferramental e mat. de consumo	9.506,1
Geração hidráulica	
Mão-de-obra dir. de execução	6.816,3
Mão-de-obra dir. de operação	8.607,1
Mão-de-obra indireta	5.838,8
Equipamentos principais	14.090,5
Equipamentos auxiliares	18.031,3
Ferramental e mat. de consumo	10.233,0
Geração térmica	
Mão-de-obra dir. de execução	6.617,7
Mão-de-obra dir. de operação	8.534,2
Mão-de-obra indireta	5.846,8
Equipamentos principais	14.114,7
Equipamentos auxiliares	17.657,2
Ferramental e mat. de consumo	9.860,4
Transmissão	
Mão-de-obra dir. de execução	7.135,9
Mão-de-obra dir. de operação	8.187,2
Mão-de-obra indireta	5.895,9
Equipamentos principais	8.682,0
Equipamentos auxiliares	13.113,1
Ferramental e mat. de consumo	9.906,1
Subestação	
Mão-de-obra dir. de execução	6.941,1
Mão-de-obra dir. de operação	8.294,6
Mão-de-obra indireta	5.847,1
Equipamentos principais	13.574,6
Equipamentos auxiliares	17.357,6
Ferramental e mat. de consumo	9.877,5
Refino	
Mão-de-obra dir. de execução	6.682,0
Mão-de-obra dir. de operação	7.810,3
Mão-de-obra indireta	6.688,5
Equipamentos principais	12.202,8
Equipamentos auxiliares	17.740,5
Ferramental e mat. de consumo	9.569,5

*Metodologia e início da série na edição de fev. 82.

Tabela 3 - Montagens industriais - índices específicos por subsetor - base: dez. 81 = 100,0

Discriminação	Jan. 86
Siderúrgica a alto-forno	
Tubulação	7.553,7
Equipamento mecânico	7.544,9
Estrutura metálica	8.210,7
Caldeiraria	8.419,8
Eleticidade	7.091,6
Instrumentação	7.259,3
Revestimento refratário	7.280,8
Pintura	7.414,6
Isolamento térmico	6.333,2
Siderúrgica a sucata	
Tubulação	7.411,2
Equipamento mecânico	7.397,6
Estrutura metálica	8.248,0
Eleticidade	7.128,6
Instrumentação	7.258,0
Revestimento refratário	7.042,0
Pintura	7.414,7
Isolamento térmico	6.333,0
Mineração de ferro	
Tubulação	6.781,8
Equipamento mecânico	7.272,1
Estrutura metálica	7.990,8
Eleticidade	6.959,3
Instrumentação	6.708,0
Pintura	7.300,7
Pelotização	
Tubulação	7.090,6
Equipamento mecânico	7.795,5
Estrutura metálica	7.482,9
Caldeiraria	8.206,4
Eleticidade	6.922,2
Instrumentação	6.720,8
Revestimento refratário	6.365,3
Pintura	7.172,1
Isolamento térmico	6.621,9
Geração hidráulica	
Tubulação	7.484,3
Equipamento mecânico	8.590,9
Estrutura metálica	7.926,5
Caldeiraria	9.970,5
Eleticidade	7.499,6
Pintura	7.617,0
Geração térmica	
Tubulação	7.715,8
Equipamento mecânico	8.476,7
Estrutura metálica	8.882,1
Eleticidade	7.188,7
Instrumentação	6.898,7
Pintura	7.721,6
Isolamento térmico	6.221,7

continua

Tabela 4 - Montagens industriais - índices

Discriminação	Jan. 86
Transmissão	
Estrutura metálica	7.391,0
Eleticidade	7.366,9
Subestação	
Estrutura metálica	8.513,9
Eleticidade	7.861,2
Refino	
Tubulação	7.957,3
Equipamento mecânico	7.406,1
Estrutura metálica	7.419,7
Caldeiraria	8.186,1
Eleticidade	7.148,6
Instrumentação	7.363,7
Pintura	7.810,9
Isolamento térmico	6.649,7

Tabela 4 - Montagens industriais - índices auxiliares médios dos vários setores - base: dez. 81 = 100,0

Discriminação	Jan. 86
Mão-de-obra dir. de execução	7.032,6
Mão-de-obra dir. de operação	8.264,5
Mão-de-obra indireta	6.681,5
Equipamentos principais	13.117,5
Equipamentos auxiliares	17.108,5
Ferramental e mat. de consumo	9.756,1

Tabela 5 - Montagens industriais - índices específicos médios dos vários setores - base: dez. 81 = 100,0

Discriminação	Jan. 86
Tubulação	7.966,8
Equipamento mecânico	8.070,2
Estrutura metálica	8.407,3
Caldeiraria	9.192,6
Eleticidade	7.624,5
Instrumentação	7.401,4
Revestimento refratário	7.114,0
Pintura	7.639,1
Isolamento térmico	6.717,6

Tabela 6 - Montagens industriais - índices gerais dos subsectores - base: dez. 81 = 100,0

Discriminação	Jan. 86
Siderúrgica a alto-forno	
Siderúrgica a sucata	7.668,8
Mineração de ferro	7.428,0
Pelotização	7.229,7
Geração hidráulica	7.416,5
Geração térmica	8.500,2
Transmissão	7.970,7
Subestação	7.245,2
Refino	8.094,5
	7.633,8

Preços, salários, suprimentos**Tabela 7 — Custo da construção civil e obras públicas**

Período	Mão-de-obra			Materiais de construção					
	Carpinteiro	Servente	Pedreiro	Cimento	Vergalhão CA50 (fino)	Tábua de pinho 3,9	Porta interna (cedro)	Azulejo branco 1,9	Tacos peroba
1985 – Jan.	21.152,7	23.577,2	20.823,0	34.061,6	25.047,2	20.996,2	16.465,4	18.076,3	16.071,0
Fev.	24.795,2	26.246,2	24.939,7	34.640,6	25.781,1	24.592,9	18.428,1	19.573,1	18.452,7
Mar.	27.695,3	28.924,1	27.856,4	39.715,5	28.568,3	27.540,1	21.390,4	21.572,2	21.281,5
Abr.	27.738,8	28.973,8	27.996,8	46.282,5	31.393,4	33.163,8	25.231,0	24.860,1	23.229,2
Maio	38.308,1	44.639,4	38.931,9	46.524,0	32.013,7	36.562,1	28.228,2	26.811,1	25.916,8
Jun.	40.235,4	46.917,3	40.843,0	48.265,0	35.827,9	39.217,2	30.775,5	28.651,7	28.756,5
Jul.	44.443,6	51.139,0	44.891,0	55.137,9	40.718,7	43.873,9	33.476,7	30.839,5	31.831,7
Ago.	52.345,2	56.429,8	52.433,1	56.390,6	42.764,4	49.703,8	37.746,3	32.928,6	34.097,2
Set.	57.525,3	59.080,9	56.740,5	64.752,8	50.194,4	54.030,6	41.476,8	36.368,1	36.446,5
Out.	57.198,0	59.567,1	57.724,9	71.532,4	58.053,0	59.508,2	45.312,1	39.011,5	41.309,1
Nov.	72.750,1	84.479,8	73.322,2	81.626,4	66.545,0	67.466,2	55.373,7	44.547,2	46.540,9
Dez.	83.004,2	92.720,0	80.981,4	93.401,0	75.421,4	77.115,9	61.435,4	51.313,3	52.904,9
1986 – Jan.	92.441,0	101.759,3	89.861,9	109.987,1	86.016,6	87.673,1	69.365,5	59.653,4	64.657,8

Período	Chapa ondulada fibrocim.	Tubo ferro galvan.	Tijolo barro maciço	Tijolo furado	Areia lavada	Tinta à base	Vaso sanitário	Pedra britada
1985 — Jan.	24.137,2	26.278,0	17.096,3	12.864,2	20.762,8	30.956,2	19.977,0	21.582,5
Fev.	25.899,2	27.720,7	21.111,0	14.247,2	22.999,0	35.373,7	22.120,5	23.397,5
Mar.	27.451,3	31.547,2	23.153,1	15.484,5	25.956,7	39.139,9	24.448,3	28.577,3
Abr.	31.524,3	36.054,1	28.152,8	17.382,9	29.643,6	45.164,3	29.265,6	32.096,0
Maio	34.507,7	39.560,0	33.682,0	21.099,7	32.517,5	46.872,4	33.076,8	36.980,7
Jun.	35.255,2	42.092,2	36.180,8	22.336,0	35.743,6	49.395,3	35.539,7	39.798,3
Jul.	35.803,4	45.703,3	39.501,5	24.652,7	37.163,7	51.851,5	37.114,8	44.704,6
Ago.	40.776,8	50.895,2	43.919,4	27.364,4	42.543,1	57.330,7	40.328,6	50.723,6
Set.	47.537,2	58.988,0	48.818,6	30.798,7	46.126,5	65.424,6	43.815,0	57.641,8
Out.	50.346,2	65.655,4	55.814,3	34.817,9	53.943,1	68.166,6	46.957,4	65.964,1
Nov.	60.630,9	73.719,9	65.707,3	42.188,9	64.485,2	84.444,8	56.641,4	78.903,7
Dez.	65.431,6	92.149,1	72.698,6	48.181,4	73.268,7	94.528,3	66.319,2	90.322,6
1986 — Jan.	77.065,4	107.527,0	87.998,0	57.628,3	87.940,1	103.454,6	74.973,9	107.442,4

INPT — Índice nacional de preços do transporte

	Muito curtas 50 km	Curtas 400 km	Médias 800 km	Longas 2.400 km	Muito longas 6.000 km
Fr. base	9,14	14,29	20,18	43,73	96,73
1985 — Jan.	683,68	776,78	824,81	887,78	917,22
Fev.	735,70	843,40	899,35	971,91	1.005,85
Mar.	766,75	902,60	972,73	1.064,62	1.107,61
Abr.	830,38	982,48	1.061,00	1.163,87	1.212,01
Maio	1.156,80	1.261,53	1.314,54	1.384,13	1.416,62
Jun.	1.203,88	1.311,40	1.366,77	1.439,77	1.473,40
Jul.	1.251,32	1.379,65	1.446,78	1.532,55	1.573,08
Ago.	1.282,57	1.447,62	1.532,74	1.644,37	1.696,55
Set.	1.378,80	1.599,48	1.713,38	1.862,62	1.932,44
Out.	1.448,98	1.691,04	1.818,05	1.984,48	2.062,35
Nov.	1.991,33	2.183,21	2.282,06	2.411,80	2.472,39
Dez.	2.075,47	2.308,35	2.428,40	2.585,89	2.659,47
1986 — Jan.	2.215,94	2.499,65	2.645,97	2.837,84	2.927,53